

A contemporaneidade da música brasileira

Fruto da semente tropicalista plantada em 1968, em movimento liderado por Caetano Veloso e Gilberto Gil, a música brasileira contemporânea tem hoje sotaque planetário. Referência mundial de padrão estético desde que a Bossa Nova agregou ao samba elementos do jazz, a partir de 1958, a música brasileira interage cada vez mais com os sons universais sem perder as suas características básicas. João Gilberto voltou ao Carnegie Hall, em junho, para celebrar os 40 anos do célebre concerto que popularizou naquele palco americano, em escala mundial, a velha bossa, mas a MPB – sigla que carimba a produção fonográfica nacional desde os anos 60 – já representa aos olhos do Mundo muito mais do que o samba sincopado de João Gilberto, Tom Jobim e Cia.

Terra natal de João Gilberto, a Bahia é também o maior celeiro dessa interação da música brasileira contemporânea com o Mundo. Foi lá que o batuque de blocos afro como

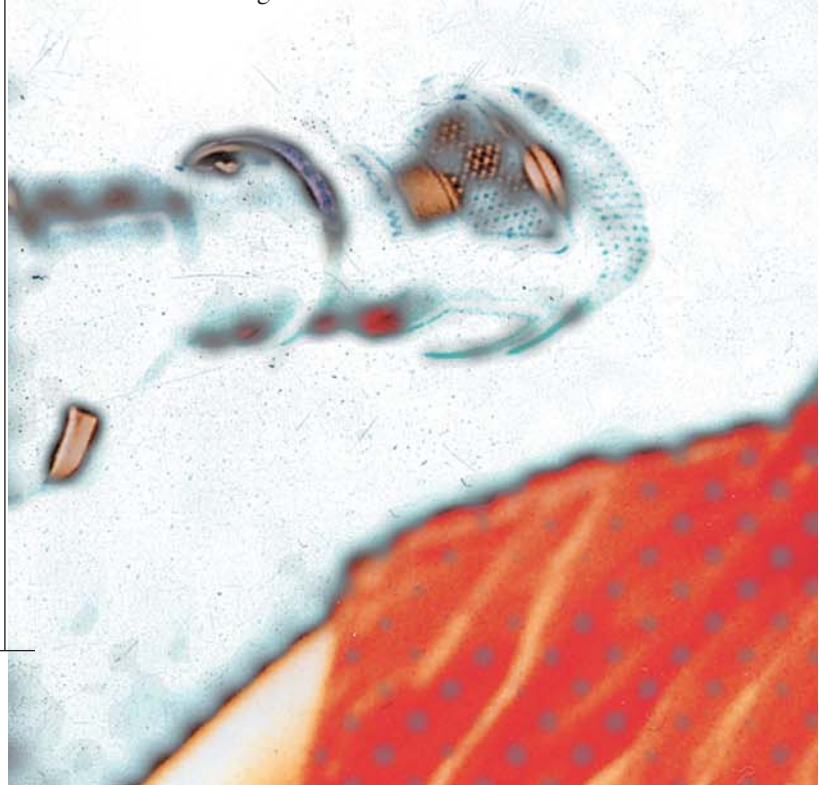
Olodum se fundiram com a batida do reggae e criaram o samba-reggae, ritmo que é a célula-máter da música genericamente rotulada como axé-music. Analisada com preconceito dentro de seu próprio país de origem, por ser produto da inspiração de compositores negros, a axé-music teve sua força diluída no Brasil pela indústria fonográfica – que desgastou o repertório dos compositores baianos em sucessivos e desleixados discos ao vivo – mas seu ritmo impera nas ladeiras da Bahia e o som de seus tambores ecoa nos quatro cantos do Mundo. Astros como Paul Simon e Michael Jackson já recrutaram o batuque do Olodum. E Daniela Mercury – a cantora que propagou com mais ênfase a música baiana a partir dos anos 90 – desenvolve sólida e progressiva carreira internacional.

A Bahia ainda dá as cartas no mercado nacional – se levada em conta a origem de ícones da MPB como Caetano



Martinho da Vila

Foto: Mario Thompson



Véloso, Gilberto Gil e João Gilberto, além do sucesso popular dos intérpretes de axé-music, como a cantora Ivete Sangalo – mas o sotaque planetário da música brasileira se faz ouvir em cada canto do Brasil. No Recife, o falecido Chico Science fez história nos anos 90 quando, a bordo de seu grupo, a Nação Zumbi, reprocessou o maracatu, ritmo nativo, com linguagem pop. Nascia o Mangue Beat, ou Mangue Bit, como também é chamado o movimento mais influente da música brasileira na última década. A reboque do sucesso de Science, outros grupos aprofundaram a sua receita – caso do Mundo Livre S/A – e a cena musical do

Recife foi revitalizada, com o aparecimento de muitas bandas e repercussão em todo o Brasil e até no exterior.

Fenômeno semelhante ao de Pernambuco, mas ainda restrito ao Espírito Santo, aconteceu mais recentemente em Vitória, a capital do Estado. O grupo Casaca arrasta multidões estimadas em 30 mil pessoas para ver seus shows. A receita, no caso, é tocar o congo (tradicional ritmo capixaba) com a mesma linguagem pop com que Chico Science deu um banho de loja no maracatu. Atenta ao fenômeno capixaba, a gravadora multinacional Sony Music contratou o grupo

Chico César



Casaca e está lançando em escala nacional o segundo disco da banda, na esperança de projetar a versão pop do congo em todo o Brasil. Enquanto isso, o Maranhão se torna a Jamaica nacional e de lá exporta o reggae de grupos como Tribo de Jah.

Por conta desses fenômenos locais, segmentação e pluralidade se tornaram as palavras-chaves da música brasileira contemporânea. O mercado musical trabalha hoje com diferentes fatias de público. Se o samba ainda dá o tom nos quintais do Rio de Janeiro, com muita repercussão nos pagodes armados em São Paulo, a música gaúcha continua restrita ao Rio Grande do Sul, Estado caracterizado pela autosufi-

Chico Science





Ilustração sobre foto de Mário Thompson

ciência e independência do seu mercado local. E é essa pluralidade permite o aparecimento de compositores como o paraibano Chico César e o pernambucano Lenine. Ambos temperam as matrizes dos ritmos nordestinos com molho pop eletrônico e, não por acaso, Chico César e Lenine são dois dos artistas mais bem-sucedidos no exterior. Também faz sucesso no exterior uma cantora carioca que soube como ninguém soar universal cantando samba, balada, pop e qualquer ritmo. Seu nome? Marisa Monte, uma das campeãs de vendas no mercado fonográfico brasileiro.

Na ala pop, fortalecida no mercado contemporâneo desde 1982, quando o estouro da Blitz abriu o mercado para o rock nacional, a repercussão externa é bem menor. Talvez pelo fato de a maioria dos grupos reproduzir em seu som a estética universal do rock. Mas é inegável a importância na cena nacional de grupos como Titãs, Barão Vermelho e Paralamas do Sucesso, esta a primeira banda a mesclar ritmos brasileiros com reggae e rock, já em 1986.

Os grupos de rock desempenharam, a partir dos anos 80, o papel revolucionário feito pela estupenda geração revelada nos anos 60, quando despontaram nomes como Chico Buarque, Edu Lobo, Paulinho da Viola, Milton Nascimento (estrela quase solitária no céu mineiro), Martinho da Vila e os já citados Caetano e Gil. Hoje, estes compositores produzem de forma menos profícua e, não raro, dedicam-se a projetos revisionistas, mas é essencial a importância deles para a construção e solidificação da música brasileira contemporânea.

Aos olhos do Mundo, o Brasil é cada vez mais reconhecido pela sua produção nacional. E este reconhecimento já não se limita ao visual exótico de Carmen Miranda ou à batida da Bossa Nova, que bebeu nas águas do jazz americano e, por isso, foi rapidamente assimilada nos Estados Unidos. A música brasileira contemporânea hoje tem identidade própria e, ao incorporar sotaque pop, esta rica música nacional, longe de se diluir, fica cada vez mais forte para conquistar o mundo.

Mauro Ferreira, 37 anos, é jornalista, crítico e pesquisador musical. Atua no mercado desde 1987. Foi repórter e crítico de MPB do jornal carioca O Globo de 1989 a 1997, ano em que foi convidado a ingressar no jornal carioca O DIA, onde assina até hoje a coluna Estúdio, sobre novidades do meio musical. Paralelamente, Mauro faz críticas de discos para a revista IstoÉGente, de circulação nacional.